

VOLUNTARIADO E LIDERANÇA

Para muitas pessoas o tradicionalismo gaúcho organizado se constitui numa estrutura incompreensível. Não pela nomenclatura que adota, tão pouco pelas regras que o regem, mas por conta da participação voluntária das pessoas que dedicam tempo e dinheiro para fazer tradição, sem esperar qualquer tipo de retorno. Há quem compare o tradicionalismo gaúcho a uma espécie de religião.

Devo concordar que não é fácil, no mundo em que vivemos, compreender as razões que levam as pessoas a se engajarem no Movimento Tradicionalista Gaúcho, abandonando, muitas vezes, seus negócios, pelo prazer de fazer parte de um CTG, seja na condição de líder, seja como simples peão. Repito, sem esperar qualquer tipo de ganho, nem sequer “muito obrigado”.

Várias são as instâncias do Movimento que necessitam de líderes – aquelas pessoas que “fazem a frente”, que coordenam atividades, que conduzem vontades. Nos CTGs, nas coordenadorias regionais, na direção estadual, há mais de 20.000 tradicionalistas, somente no rio Grande do Sul, que desempenham papel de liderança em pequenos grupos, como um piquete de laçadores, ou em grandes grupos como uma Coordenadoria Regional.

O exercício da liderança no meio tradicionalista exige uma dose muito alta de voluntarismo. Ser líder voluntário é dizer presente a todo o momento. É pensar no bem dos outros e da entidade, antes de pensar em si mesmo. É servir, antes de ser servido. É um exercício permanente de humildade. Mais do que em outras situações, o líder voluntário deve saber lidar com frustrações, críticas gratuitas, inveja, incompreensões.

A direção estadual do MTG tem desenvolvido, nos últimos anos, uma série de cursos e seminários com o intuito de qualificar as lideranças já existentes e incentivar futuras lideranças, para que o desempenho seja qualificado e os resultados sejam alcançados com menor esforço. Dentre as iniciativas adotadas, destaca-se o Curso de Formação Tradicionalista, nas versões básico e avançado e o Curso de Formação de Jovens Voluntários.

Esta última iniciativa, a da formação de voluntariado jovem, incluindo adolescentes entre 13 e 17 anos, é uma das mais promissoras para o futuro do Movimento. Ser voluntário depois de adulto, parece-me ser mais fácil pois que já há a compreensão da responsabilidade social que todo o ser humano deve ter, mas ser voluntário e dispor-se ao treinamento para o exercício de futura liderança, quando se tem 15 anos e milhares de opções mais fáceis e atraentes, é uma preciosidade.

O futuro dirá do acerto dessa iniciativa que ainda está em fase de “laboratório” e que, por ser nova, ainda não é de todo conhecida. O processo é liderado pela voluntariosa Lucinda e conta com o integral apoio das direções do MTG e da Fundação Cultural Gaúcha. Nos 40 anos do MTG, talvez essa seja uma das melhores iniciativas para que seja possível comemorar 80 anos sem que se percam os objetivos do Movimento que depende das suas lideranças voluntárias para se manter ativo.